

## CHINA

Xangai é hoje pioneira nas novas zonas de comércio livre

FOTO JOHANNES EISELE / AFP / GETTY IMAGES



**Transição** Ritmo de crescimento vai abrandar. Riscos sistêmicos vão aumentar. Gestão política é cada vez mais decisiva

# A irresistível subida a número um

Textos **JORGE NASCIMENTO RODRIGUES**

**M**arço de 2015 vai ficar marcado no calendário político chinês como o mês em que a liderança em Pequim reconheceu publicamente que o ritmo de crescimento económico desceu para um novo patamar. A essa dinâmica de abrandamento, os dirigentes políticos chineses chamam “nova normalidade”. A assembleia anual do Congresso Nacional Popular (CNP) — equiva-

lente a um Parlamento —, que reuniu durante a primeira quinzena, fixou para 2015 o objetivo político de uma taxa de crescimento de “cerca de 7%”. Em 2014, o crescimento ficou-se por 7,38%, a taxa mais baixa em 24 anos, e o Fundo Monetário Internacional (FMI) prevê 7,1% para 2015 e 6,8% para 2016 descendo até 6,3% em 2019, o último ano de previsões. Desde 2012 que o crescimento se situou no patamar de 7% (ver gráfico).

“A principal ideia do CNP, este ano, foi o conceito de ‘nova normalidade’, ou seja, a consciencialização de que, após três anos consecutivos de crescimento abaixo de 8% (o anterior limiar mágico do qual politicamente se pretendia não descer), a China tem

de aceitar este novo ritmo de crescimento mais brando, que difere dos 30 anos anteriores”, diz-nos Virgínia Trigo, diretora de programas do ISCTE na China.

## O que conta para o cidadão comum

No entanto, o chinês na rua não se excita com a discussão política sobre o ritmo do PIB: “O cidadão comum não parece muito preocupado. Ele sente que vive melhor agora com um crescimento de 7% do que há 10 ou 15 anos com um crescimento de dois dígitos”, diz a professora portuguesa. Ou seja, as famílias têm mais ativos e mais rendimento disponível.

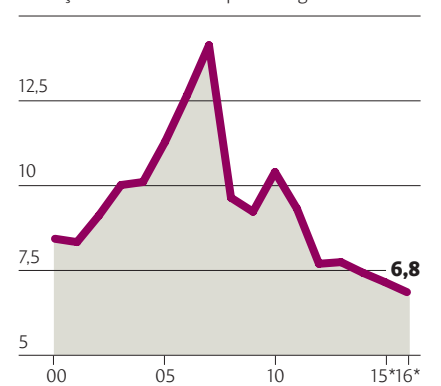
Há, no entanto, um êxito conquistado que enche o ego do cidadão da rua. O ritmo de crescimento dos últimos 15 anos permitiu à China atingir um dos seus desígnios geoeconómicos: ultrapassar em 2014 os Estados Unidos no peso no PIB mundial, se for avaliado em termos de paridade de poder de compra, como o fez recentemente o FMI (ver gráfico). O critério usado pelo Fundo foi, logo, contestado por muitos economistas. Mas outro facto é indiscutível: o sistema financeiro mundial alterou-se radicalmente nos últimos cinco anos com a grande banca chinesa estatal a alcançar uma clara liderança mundial (ver gráfico).

Com o horizonte de um abrandamento muito claro, muitos analistas, sobretudo no Ocidente, temem o pior. Dois especialistas internacionais ouvidos pelo Expresso coincidem na desdramatização. “O processo não será fácil, e há um crescente número de economistas, tanto na China como no estrangeiro, que pensam que Pequim não será capaz de implementar as reformas a tempo, mas eu penso que, até agora, o Presidente Xi Jinping e o primeiro-ministro Le Keqiang têm tido sucesso”, refere Michael Pettis, professor de Finanças na Guanghua School of Management, na Universidade de Pequim. Este especialista norte-americano avança até que a taxa de crescimento poderá descer para 3 a 4% durante a presidência de Xi, mas não acha que isso deva ser etiquetado como “aterragem forçada”. “Penso inclusive que isso será um ajustamento muito bem sucedido. Ainda que essa queda do número possa ser dolorosa para a elite política, não o será para o chinês comum. É provavelmente ainda cedo para o dizer, mas estou otimista”, admite o autor do blogue “China Financial Markets”.

Para o consultor finlandês Dan Steinbock, professor visitante no

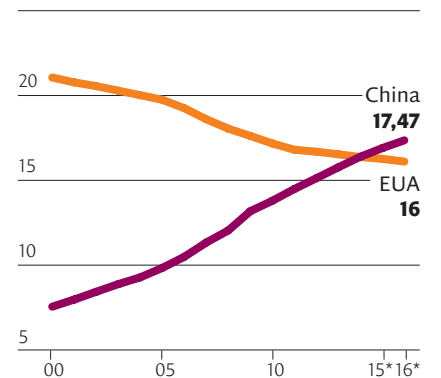
## CRESCIMENTO EM QUEDA

Evolução anual do PIB em percentagem



## CORRIDA AO 1º LUGAR

% do PIB mundial em paridade de compra



\*PREVISÃO

## MAIORES BANCOS DO MUNDO

Por país de origem

	ATIVOS		CAP. BOLSISTA	
	2008	2014	2008	2015*
China	0	4	2	4
Reino Unido	3	2	1	1
EUA	2	1	3	4
França	1	2	0	0
Japão	1	1	1	0
Austrália	0	0	0	1

\*16/03/2015

FONTE: FMI; RELBANKS.COM